

TECENDO A REDE DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO CERRADO E PANTANAL



Informe Nacional da articulação entre mulheres dialogando sobre gênero, conservação ambiental e modos de vida.

Saiba mais em
www.ecoa.org.br





TECENDO A REDE DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO CERRADO E PANTANAL

*Informe Nacional da articulação entre mulheres dialogando
sobre gênero, conservação ambiental e modos de vida.*

EXECUÇÃO



APOIO



FINANCIADOR



CO-FINANCIADOR



Este projeto é co-financiado pela
União Europeia



PARCEIRO



EDITORIA



Esta é uma publicação da ECOA - Ecologia e Ação.
© 2020



TECENDO A REDE DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO CERRADO E PANTANAL:

Informe nacional da articulação entre mulheres dialogando sobre gênero, conservação ambiental e modos de vida.

Organizadora: Nathalia Eberhardt Ziolkowski

Textos: Jéssica Barbosa S. Simões, Nathalia Eberhardt Ziolkowski, Luana Campos, Elisabeth Maria Cardoso e Joluzia Batista.

Revisão: Nathalia Eberhardt Ziolkowski, Jéssica Barbosa S. Simões, Iasmin Amiden e Luana Campos

Fotos: Dagmar Talga, Iasmim Amiden, Jéssica Barbosa Simões, Luana Campos, Nathalia Eberhardt Ziolkowski, Altair de Souza, Miguel Ângelo Marques e Victor Hugo Sanches.

Projeto gráfico e diagramação: Luis Augusto Akasaki

Endereço: R. 14 de Julho, 3169 - Vila São Thomé.
Campo Grande, MS.
CEP: 79002-332

Telefone: (67) 3324-3230
E-mail: ecoa@riosvivos.org.br



PARCEIRO



EDITORA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T255 Tecendo a rede de resistência das mulheres no cerrado e pantanal [recurso eletrônico] : informe nacional da articulação entre mulheres dialogando sobre gênero, conservação ambiental e modos de vida / Organizadora Nathalia Eberhardt Ziolkowski. – Campo Grande, DF: IEB Mil Folhas, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-87337-03-6

1. Mulheres – Condições sociais 2. Conservação ambiental. I. Ziolkowski, Nathalia Eberhardt. II. Título.

CDD 305.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

SUMÁRIO

PREFÁCIO **06**

APRESENTAÇÃO: EM DEFESA DOS TERRITÓRIOS **08**

I ENCONTRO NACIONAL DAS MULHERES DO CERRADO **11**

II ENCONTRO DA REDE DE MULHERES PRODUTORAS
DO CERRADO E PANTANAL **13**

NO CERRADO, MULHERES EMPENHADAS NA LUTA
PELO TERRITÓRIO E SUAS IDENTIDADES **16**

A ESTRATÉGIA DE AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES **19**



RESUMO EXECUTIVO

Grandes articulações de mulheres dos campos, das águas, das matas e das cidades já ocorreram no Brasil, frente a predação ambiental causada pelos projetos econômicos de acumulação e suas consequências para as mudanças climáticas, seus efeitos na vida das mulheres e para seus territórios. Como marcos históricos, citamos a Rio 92 e a Rio + 20 (Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável), a Marcha das Margaridas e desde 2019, a Marcha das Mulheres Indígenas, que nos fornecem um arcabouço teórico e prático sobre o tema Mulheres e Meio Ambiente. Também em 2019, outra grande articulação reuniu mulheres de comunidades tradicionais, pesquisadoras, e mulheres que desenvolvem trabalhos voltados ao tema em organizações da sociedade civil e no poder público. Trata-se do projeto Articulação de Mulheres nos Biomas do Cerrado e do Pantanal Brasileiros, exitoso na ampla adesão de mulheres que vêm se organizando em grupos formais e informais, na luta política por seus territórios, na geração de renda, pela soberania alimentar e conservação ambiental. Essa iniciativa contribuiu para que três grandes encontros nacionais acontecessem, trazendo um novo olhar para as questões de Gênero e Meio Ambiente no século XXI, marcado pelas reflexões e falas de 230 mulheres tradicionais, protagonistas de suas histórias, alcançadas diretamente. Este informe traz informações desses intensos debates e pontos conclusivos para o momento. A realização desta publicação foi apoiada pelo Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos em uma iniciativa

conjunta da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, do Fundo Global para o Meio Ambiente, do Governo do Japão e do Banco Mundial, cuja meta fundamental é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade.





EXECUTIVE SUMMARY

Great articulations of women from the field, waters, forests, and the cities already occur in Brasil, given the environmental predation caused by the economic projects of accumulation and their consequences for climate changes, their effects on the lives of women, and their

territories. As historical landmarks, we cite Rio 92 and Rio 20 (United Nations on Sustainable Development), the Daisies' March and since 2019, the March of Indigenous Women, which provide us with a theoretical and practical framework on the theme of Women and the Environment. Also, in 2019, another great articulation brought together women from traditional communities, researchers, and women who develop works focused on the theme in civil society organizations and the government. This is the Articulation of Women project in the Brazilian Cerrado and Pantanal Biomes, successful in the wide participation of women who have been organizing themselves in formal and informal groups, in the political struggle for their territories, in the income generation, for food sovereignty and environmental conservation. This initiative contributed so that three major national meetings occurred, bringing a new look to the issues of Gender and Environment in the 21st century, marked by the reflections and speeches of 230 traditional women, protagonists of their stories, reached directly. This report provides information on these intense debates and concluding points for the moment. The achievement of this publication was supported by the Critical Ecosystem Partnership Fund in a joint initiative by the French Development Agency, Conservation International, European Union, the Global Environment Facility, the Government of Japan and the World Bank, whose fundamental goal is to ensure that civil society is involved in the conservation of biodiversity.



ARTICULAÇÃO COLETIVA
PELA
DEMOCRACIA
E PELA VIDA
DAS **MULHERES**

PREFÁCIO

Por Joluzia Batista

A ação política das mulheres é decisiva para a preservação da vida nos territórios. A defesa dos Biomas e preservação de espécies nativas contribui estrategicamente para a sustentabilidade sócio-ambiental que se necessitamos para uma vida plena, com perspectiva de um futuro em um ambiente saudável, com os recursos naturais disponíveis a toda a população com igualdade e justiça. Por muito tempo esta ação foi invisibilizada, desvalorizada, por conta do recorte sexista que a estrutura patriarcal impõe, instituindo hierarquia e valoração para os chamados trabalhos produtivos, em sua esmagadora maioria realizado pelos homens.

É estratégico que o projeto de dominação das mulheres, oprimindo nossa subjetividade e controlando nossos corpos, se realize para que assim o atual sistema de produção de riquezas e desigualdades, de exploração total do planeta e de nossas vidas se perpetue.

Neste momento no Brasil e no mundo vivemos um ataque aos nossos direitos, aos direitos conquistados pelos movimentos de mulheres e feministas em processos reivindicatórios e lutas democráticas, que transformaram para melhor a realidade da vida das mulheres e meninas em diversas sociedades.

Governos conservadores se somam as forças dos interesses capitalistas e das elites políticas locais para retirar as populações



Reunião das mulheres do cerrado com a Frente Parlamentar Feminista Antirracista.

Foto de Luana Campos

tradicionais de seus territórios, aprofundando o processo de financeirização da natureza e precificação da vida, bem como avançam sobre nossos corpos para nos controlar, usurpar nossa autonomia, regulando e extinguindo, a partir de iniciativas legislativas e do executivo, políticas públicas de saúde, previdência e educação.

Importante compreender que se fortalece no mundo uma geopolítica patriarcal e racista, que ao mesmo tempo que reproduz, se favorece das desigualdades estruturais que nos oprimem e precarizam a sobrevivência, exigindo mais esforços para o trabalho de reprodução social (alimentação, limpeza de casa e de roupas, cuidados de saúde), para o cuidado da vida de nossas famílias e do entorno, sem remuneração, sem garantias trabalhistas, sem direitos.

Importante entender que o aumento dos casos de violência e feminicídios a que estamos submetidas é estruturante para a manutenção do patriarcado como projeto de poder e do capitalismo, que necessita destruir democracias e não pode prescindir de nossas vidas como força de trabalho. A violência contra as mulheres é um mecanismo de domínio, repreensão, punição, contenção de liberdade e autonomia.



Neste momento no Brasil e no mundo vivemos um ataque aos nossos direitos, aos direitos conquistados pelos movimentos de mulheres e feministas em processos reivindicatórios e lutas democráticas



Por tudo isso, nós da Frente Parlamentar com Participação Popular Feminista e Antirracista, entendemos a importância de fortalecer as iniciativas das mulheres na luta pelo Bem Viver, reverberar ações de resistências que anunciam também um novo projeto de sociedade, onde se possa viver uma vida sem violências, com as liberdades democráticas asseguradas pelas vias institucionais, mas também no íntimo de cada pessoa que reconheça no outro os direitos que deseja para si mesma.



Seminário discute importância dos povos e comunidades para a conservação do Cerrado. Foto: Nathália Ziolkowski

É muito importante celebrar nesta publicação as reflexões e as elaborações sobre os modos de viver e resistir das mulheres do Cerrado e Pantanal neste Brasil de 2020!

Saudações Feministas!

A **Frente Parlamentar com Participação Popular Feminista e Antirracista** foi lançada em agosto de 2019, no Congresso Nacional, sendo a primeira na América Latina criada para tratar de pautas feministas e antirracistas, com participação popular e plural de movimentos de mulheres em ação conjunta com deputadas federais de diferentes partidos. No dia 11 de Setembro de 2019, Dia Nacional do Cerrado, mulheres de comunidades tradicionais dos biomas Cerrado e Pantanal e organizações não-governamentais se reuniram com representantes desta Frente para apresentarem suas condições de vida, ações em defesa de seus territórios e proposta de articulação coletiva. O foco agora é defender os direitos humanos das mulheres.



IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado.
Foto: Nathália Ziolkowski



SOBRE A AUTORA

JOLUZIA BATISTA

Jolúzia Batista, integra o Fórum de Mulheres do Distrito Federal e Entorno e é militante da Articulação de Mulheres Brasileiras que compõe a Frente Parlamentar com Participação Popular Feminista e Antirracista, representando a sociedade civil organizada.

SEM
FEMINISMO
NÃO HÁ
AGROECOLOGIA

APRESENTAÇÃO

Em defesa dos territórios

Por *Jéssica Barbosa S. Simões e Nathália Eberhardt Ziolkowski*

Desde o final de 2018 e durante todo o ano de 2019, milhares de representantes da juventude em diversos países tem intensificado suas críticas a devastação ambiental e ao avanço das mudanças climáticas. O ano de 2019, por sua vez, foi marcado pelas chamadas “Greves pelo Clima” com manifestações em mais de 150 países, reivindicando posicionamento urgente dos países perante as mudanças climáticas.

Ao passo que globalmente a crítica ao modelo de desenvolvimento que gera degradação ambiental, pobreza e exclusão se aprofunda, a nível de território, o que se vê são milhares de mulheres no campo, nas florestas e nas águas, consolidando alternativas tradicionais de convivência sustentável com a natureza.

No Brasil, o papel das mulheres na conservação dos Biomas é inegável. Seus históricos saberes repassados tradicionalmente entre as mulheres das comunidades locais refletem um genuíno cuidado com a conservação da vida natural enquanto parte constitutiva da sobrevivência de suas próprias famílias.

Papéis tradicionais de gênero construídos socialmente implicam às mulheres o cuidado com a reprodução da vida e com sua casa, o que traz também, historicamente, uma importante diferença na relação que essas mulheres têm com o ambiente que as cerca. A partir da noção



I Encontro Nacional das Mulheres do Cerrado, Luziânia (GO). Foto: Dagmar Talga

da necessidade de conservação dos biomas para manutenção da vida, as mulheres têm se utilizado de diversos mecanismos comunitários e coletivos que permitem uma saudável coexistência de suas comunidades com os ecossistemas.

No Cerrado e no Pantanal Brasileiro não poderia ser diferente. Relatório publicado em 2008 pelo Fundo Mundial Para a Natureza (WWF)¹ aponta que 50% do Cerrado Brasileiro foi destruído desde 1970. Sendo o bioma no qual mais se expande o agronegócio do país, é também o lugar no qual as mulheres têm enfrentado mais desafios para a manutenção dos seus modos de vida.

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46026334>

Esses desafios mencionados se somam as dificuldades enfrentadas por essas mulheres devido às desigualdades de gênero. Apesar de sua importante contribuição para manutenção das suas famílias e dos biomas, o trabalho das mulheres é constantemente desvalorizado e invisibilizado. Do mesmo modo, espaço de participação política para compartilhamento dos processos de decisão comunitária também tem sido negado a elas. Além disso, o acesso à serviços públicos que protejam as mulheres da violência baseada em gênero nas áreas rurais é extremamente difícil.

Nesse sentido, os desafios de especulação sobre os territórios, escassez de acesso à água, sementes, envenenamento com uso de agrotóxicos, desmatamento, e conflitos violentos têm efeitos diferenciados na vida das mulheres.



**Não precisamos nos armar,
mas sim nos “almar” com a força
da ancestralidade.**

Célia Xacriabá, APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, durante a Oficina Mulheres do Cerrado na Tenda D. Dijé, IX Encontro dos Povos do Cerrado, setembro de 2019



Mesmo assim, essas guerreiras não desistem. Em seus quintais produtivos garantem uma diversidade de produção que alimenta suas famílias, cultivam plantas medicinais em verdadeiras farmácias vivas, constroem bancos de sementes para preservação do patrimônio genético das espécies naturais, utilizam-se do extrativismo para valorização de produtos nativos, e ainda estão na linha de frente de processos de mobilização comunitária na defesa dos biomas.

É por isso que as mulheres reivindicam territórios livres para manutenção dos seus modos de vida, políticas públicas para acesso de seus produtos à mercados institucionais e não-institucionais, crédito rural, proibição dos agrotóxicos em suas comunidades, proteção de suas lideranças frente às ameaças e serviços públicos que possam garantir qualidade de vida no campo.

É por isso que aqui afirmamos: valorizar as mulheres e suas mobilizações é importante não apenas porque são as mais vulnerabilizadas nos processos de devastação da natureza, mas também, e, principalmente, porque sua atuação é essencial para reprodução dos biomas. São elas que tem sido guardiãs da biodiversidade, das águas, das florestas e dos territórios.

Este informe traz a experiência de articulações de mulheres no ano de 2019, para debater conservação ambiental, mudanças climáticas, relações sociais de gênero e estratégias de ação em seus territórios, para garantir dignidade e bem-viver das pessoas em suas comunidades, o respeito à sociobiodiversidade e proteção do meio ambiente como forma de existir.

Abaixo você terá acesso à informações de três grandes eventos feito por mulheres e para mulheres, que se somam à construção do pensar da agenda de gênero e meio ambiente nacional. O ano de 2019 foi um divisor de águas para pensarmos a condição das mulheres dos campos, das águas e das florestas e aqui está uma fração do que ecoou de suas vozes durante esses três encontros. Ao final, uma reflexão importante trazida por Elisabeth Cardoso, uma das Coordenadoras do Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

O objetivo desses três encontros foi o fortalecimento, articulação e visibilidade da organização sociopolítica e econômica das mulheres no Cerrado e Pantanal Brasileiro: 1 - O Encontro das Mulheres do Cerrado, em Luziânia/GO, protagonizado pela articulação Campanha Nacional em



Célia Xacriabá durante a Oficina Mulheres do Cerrado. Foto: Luana Campos

Defesa do Cerrado; 2 - II Encontro da Rede de Mulheres do Cerrado e Pantanal – CerraPan, em Campo Grande/MS; e 3 - Tenda Dona Dijé: Articulação de Mulheres do Cerrado: fortalecendo a resiliência, tecendo saberes e compartilhando experiências de resistência, durante o IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, em Brasília/DF.

Este informe, assim como os três encontros, contaram com o apoio da ActionAid Brasil e ECOA – Ecologia e Ação, na elaboração, mobilização e desenvolvimento; e com o apoio financeiro do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos² (CEPF, na sigla em inglês para Critical Ecosystem Partnership Fund) e Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB.



Troca de sementes crioulas durante o II Encontro da CerraPan. Foto: Miguel Ângelo Marques



Rosana Sampaio do Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado – Cepec.

Foto: Altair de Souza



SOBRE AS AUTORAS

JÉSSICA BARBOSA

Advogada, Mestranda em Direito, com 10 anos de experiência em entidades da sociedade civil, movimentos sociais e agências de cooperação. Possui forte histórico de atuação nas temáticas de Gênero, Agroecologia, Sustentabilidade, Povos e Comunidades Tradicionais, Direito à Cidade, das Juventudes e Direitos Humanos.

NATHÁLIA EBERHARDT ZIOLKOWSKI

Socióloga, com mestrado em História das Mulheres. Trabalha como técnica-pesquisadora na ONG ECOA – Ecologia e Ação. É integrante da Articulação de Mulheres Brasileiras. Atuando profissionalmente nas temáticas de Movimentos Sociais, Relações Sociais de Gênero, Políticas Públicas, Feminismos, Direitos Humanos das Mulheres, Comunidades Tradicionais e ecologia humana.

² O Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos é uma iniciativa conjunta da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, do Fundo Global para o Meio Ambiente, do Governo do Japão, e do Banco Mundial. Uma meta fundamental é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade.

MEMÓRIA,
REBELDIA
E
RESISTÊNCIA

I ENCONTRO NACIONAL DAS MULHERES DO CERRADO

“Companheira me ajuda / Que eu não posso andar só / Eu sozinha ando bem / Mas com você ando melhor”. Esse foi o canto entoado pelas mulheres de diferentes estados que participaram do I Encontro Nacional das Mulheres do Cerrado, realizado entre os dias 14 e 16 de junho de 2019, em Luziânia (GO). O evento, construído de forma participativa, reuniu cerca de 130 mulheres com debates, rituais e música.

Pensado inicialmente no âmbito da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado³, rapidamente a iniciativa de unir as mulheres cerradeiras se expandiu agregando diversas organizações. É que já havia chegado o tempo de unir e intercambiar tantas bonitas iniciativas de resiliência ambiental, econômica, política e social protagonizada pelas mulheres do Cerrado.

Negras, indígenas, quilombolas, feministas, camponesas, assentadas e acampadas, sem-terra, atingidas por mineração e barragens, quebradeiras de coco babaçu, sertanejas, pescadoras, vazanteiras, pantaneiras, LBT+, assalariadas rurais, fundo e fecho de pasto, raizeiras, benzedeiros, agricultoras familiares, geraizeiras e ribeirinhas.

Assim é como se reconhecem as mulheres que escreveram e aprovaram a Carta do I Encontro Nacional das Mulheres do Cerrado, documento que retrata suas realidades



I Encontro Nacional das Mulheres do Cerrado, Luziânia (GO). Foto: Nathália Ziolkowski

pelo Cerrado brasileiro. Uma declaração que resulta de muitos debates sobre as preocupações que todas tem em seus cotidianos, e passa a ser referência para a luta das mulheres pelo território e pelo ambiente equilibrado:

“Fortalecidas pelas nossas ancestrais e pelo encontro com nossas companheiras, entendemos que nossos caminhos são como afluentes que deságuam: mulheres são como águas, crescem quando se encontram.”

³ A Campanha Nacional em Defesa do Cerrado foi fundada em 2015 e reúne diversas ONGS, movimentos sociais, redes e articulações em defesa do Bioma Cerrado no Brasil, seus modos de vida e populações. Mais em: semcerrado.org.br

É tempo de fazer ecoar as nossas resistências, valorizar nossos saberes e práticas ampliando a visibilidade do papel das mulheres enquanto guardiãs do Cerrado, dando luz também a contribuição das mulheres jovens nessa trajetória. São os nossos modos de vida que mantêm as florestas e os campos de pé. Estamos cientes da força que tem a mobilização e organização das mulheres.”



No início, fazíamos reunião embaixo de árvore, sem espaço para se reunir; mas sempre falávamos que não íamos desistir [...] Unidas fazemos a diferença.

Edeltrudes de Oliveira, extrativista, representante da Rede de Comunidades Tradicionais Pantaneiras durante a Oficina Mulheres do Cerrado na Tenda D. Dijé, IX Encontro dos Povos do Cerrado, setembro de 2019.



Com a facilitação de Cris Faustino, do Instituto Terra Mar - Justiça Ambiental/Ceará, todas falaram como percebem seu universo político. Um exercício de grande importância, pois a nós mulheres desde cedo é negada a fala pública, e hoje essa realidade reflete uma conquista muito árdua.

Este exercício da análise de conjuntura é uma forma de organizar o que já sabemos e analisar o que está acontecendo na sociedade e ao nosso redor. Sabemos o que acontece, sentimos em nossos corpos o efeito das condições políticas, culturais e históricas, mas falamos pouco sobre isso.

Concluimos que nossa existência é o que deve gerar as políticas públicas, e que nossas experiências sofridas por práticas racistas, machistas e falta de liberdade não podem ser ignoradas, pois uma política que nega o problema público da desigualdade é uma política contra as pessoas que são vitimizadas pela violência.

Para além das dores que vivemos, temos muito para ensinar para esta e as próximas gerações. Fizemos rodas de conversa sobre farmácias vivas com as raizeiras, agroextrativismo com as mulheres indígenas, bancos de



Protagonismo feminino na conservação ambiental. Foto: Nathália Ziolkowski

sementes com as mulheres assentadas, nossas práticas de luta e como enfrentaremos a reforma da previdência e também a importância da geração de renda promovida pelas mulheres, para o núcleo familiar e a comunidade.

Neste encontro também lançamos a VI Marcha das Margaridas. O movimento acontece desde os anos 2000 em homenagem a Margarida Alves, uma das primeiras mulheres a se tornar direção sindical no país, assassinada em 12 de Agosto de 1983. É um movimento que endossa a luta das mulheres do campo por mais dignidade e reúne mulheres de todo o Brasil. Entre suas muitas conquistas está o direito a titulação da terra para mulheres, o direito a documentação de trabalhadora rural, o Programa Organização Produtiva de Mulheres Rurais (2008) e o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo - 2013).

A VI Marcha das Margaridas se somou à I Marcha das Mulheres Indígenas do Brasil que teve como tema “Território: nosso corpo, nosso espírito”. Organizada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, reuniu cerca de 120 povos indígenas, pela preservação de suas terras, sistema de saúde com qualidade e dignidade aos povos indígenas. As duas marchas somaram esforços em Brasília “na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência”.

Isso é o que mostra nossa força, essas são as questões emergenciais que nos unem neste momento.

DICA DE LEITURA:

[As mulheres do Cerrado estão em pé e em luta](#)

Com informações de Action Aid Brasil

<http://actionaid.org.br/noticia/encontro-das-mulheres-do-cerrado-promove-troca-de-experiencias-pela-conservacao-do-bioma/>

MULHERES SÃO
COMO ÁGUA.
CRESCEM QUANDO
ENCONTRAM.

II ENCONTRO DA REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO CERRADO E PANTANAL

Mulheres do Pantanal brasileiro e do Cerrado ao seu entorno, se mobilizaram no dia 2 de julho de 2019, em Campo Grande (MS) para realizar a segunda plenária da Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal (CerraPan).

O encontro contou com 50 pessoas e promoveu renovação e fortalecimento político e econômico da CerraPan. A Rede, consolidada em 2015, estimula a articulação coletiva de mulheres que se dedicam à produção de manufaturas utilizando a sociobiodiversidade do Cerrado e Pantanal. Um estímulo à autonomia econômica das mulheres, à resiliência territorial, à conservação do ambiente e à luta pelo acesso aos direitos das comunidades para melhoria das condições de vida.

A Rede envolve diretamente 8 grupos organizados de mulheres extrativistas de frutos nativos, que aliam o trabalho comunitário com o desenvolvimento sustentável, alicerçadas na defesa de seus territórios com ambientes ecologicamente equilibrados. São mulheres ribeirinhas, pescadoras, catadoras de isca, assentadas e indígenas, que trazem como pontos fortes em comum a auto-organização, a geração de renda, a valorização da agrobiodiversidade e a garantia dos direitos das mulheres.



Mapa dos territórios onde estão localizadas as comunidades integrantes da CerraPan - Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal.
Fonte: Ecoa.

A plenária de 2019 trouxe outros horizontes para a CerraPan. Ainda que a geração de renda seja tema central de união destas mulheres, com o passar dos anos, entenderam que a Rede tinha força para ir além, como tratar de temas políticos e sociais de importância para as mulheres, e disseminar as práticas sustentáveis e de conservação que tanto conhecem e praticam.

Este dia foi importante para cada uma dessas mulheres que compartilharam as histórias de permanência e ocupação no território onde vivem, a organização social, suas dificuldades e do extrativismo sustentável e produtos que cada uma desenvolve.

O lugar que nós mulheres buscamos hoje é o lugar de fala, o poder de participar da tomada de decisões na vida pública da comunidade. Desse momento, tiramos lições sobre o que significa o poder falar, decidir e pensar por nós mesmas. Cada uma tem uma vivência única e juntas compomos a diversidade do que é ser mulher. Por muito tempo não ocupamos espaços de decisão nas comunidades, não ocupamos espaços públicos, tampouco na política e no mercado de trabalho. Hoje, nossa luta é para sermos ouvidas, só assim alcançaremos a igualdade



Picolé de bocaiuva produzido com polpa fornecida pelas mulheres da CerraPan. Foto: Iasmim Amiden

que desejamos. Como a família, a comunidade e o Estado saberão quais são nossas necessidades, se não formos ouvidas?

E o falar sobre a autonomia das mulheres? Essa foi a parte mais incrível do encontro, mulheres buscando seu espaço, reivindicando mudanças. A autonomia econômica das mulheres foi um tema muito conversado também e que se refere à capacidade das mulheres de serem provedoras de



Mulheres do Cerrado e Pantanal debatem geração de renda e a busca pelo lugar de fala. Foto: Iasmim Amiden

seu próprio sustento e das pessoas que delas dependem ou com quem elas convivem, e decidir qual é a melhor forma de fazê-lo. Quando falamos de autonomia econômica, estamos falando para além da autonomia financeira, porque é uma autonomia que não pode deixar de fora, por exemplo, a divisão do trabalho doméstico, o acesso à previdência social e aos serviços públicos.

Nesse âmbito, falamos de mulheres que se reúnem em suas cozinhas comunitárias e centros de processamento em suas comunidades, não só pela renda - que lhes é necessária à sobrevivência -, mas por uma cultura alimentar que promova o território e a soberania alimentar em nossa sociedade.

Nesse movimento se deparam com a realidade da não valorização dos produtos naturais da sociobiodiversidade, enfrentam burocratização para chegar ao mercado e percebem a desvalorização dos alimentos regionais e da cultura alimentar em detrimento de uma alimentação envenenada e processada, com impactos diretos na saúde e sobrecarga para a saúde pública.



São as mulheres que dizem não aos agrotóxicos. Nós, na agroecologia, percebemos que as nossas maiores aliadas são as mulheres. São as mulheres que sabem que aquilo faz mal, as mulheres sabem que provoca câncer, e sabem que elas não serão felizes enquanto estiverem aplicando veneno na produção.

Elisabeth Cardoso, Grupo de Trabalho Mulheres – Articulação Nacional de Agroecologia, durante a Oficina Mulheres do Cerrado na Tenda D. Dijé, IX Encontro dos Povos do Cerrado, setembro de 2019



Edetrudes de Oliveira, extrativista da Comunidade Tradicional de Antônio Maria Coelho, Pantanal/MS
Foto: Iasmim Amiden

É por isso que, a Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal, mantém hoje uma agenda política, uma agenda de conservação e uma agenda de produção que aborda os impactos que sofrem com as grandes obras estabelecidas no território, o acesso à Políticas Públicas de enfrentamento as violências contra mulheres; a saúde mental das mulheres; igualdade entre homens e mulheres no campo, nas florestas e nas águas; fortalecimento do trabalho colaborativo entre as mulheres; e do envolvimento de mulheres jovens nas atividades associativas.

A partir deste movimento e encontro, se estabeleceu uma nova forma estrutural de funcionamento da Rede, com coordenações colegiadas e secretaria, para promover a integração entre as demais mulheres das comunidades e a agenda da Rede, primando a comunicação interna e externa.

A partir dessa conexão, os grupos se fortalecem na incidência política também, integrando, por exemplo, o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, CISMU – Comissão Intersetorial de Saúde da Mulheres, Comitê gestor de áreas de proteção ambiental.

O pano de fundo dessa articulação está na promoção do uso sustentável dos recursos naturais, uma proposta abraçada pelas mulheres das comunidades tradicionais, para garantir um futuro saudável e equilibrado para todas e todos. Este é o nosso modelo e bem viver.

NOSSO
TERRITÓRIO
É A NOSSA
VIDA

NO CERRADO, MULHERES EMPENHADAS NA LUTA PELO TERRITÓRIO E SUAS IDENTIDADES

Por Luana Campos

Cerca de 70 participantes lotaram a oficina “Articulação de Mulheres do Cerrado: fortalecendo a resiliência, tecendo saberes e compartilhando experiências de resistência”, no dia 13 de setembro de 2019, durante a programação do IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, em Brasília (DF).

Reunidas sob a tenda “D. Dijé – Gênero e Território”, a diversidade das mulheres cerradeiras articuladas contra a devastação do Cerrado. O espaço foi uma realização da Ecoa, em parceria com ActionAid Brasil, Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF), Instituto Internacional de Educação do Brasil (IIEB) e Rede Cerrado.

Para Nathália Ziolkowski, pesquisadora na Ecoa e responsável pela secretaria da Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal (CerraPan), o sucesso da iniciativa “mostra a capacidade de mobilização das mulheres cerradeiras na luta por seus direitos. Um momento único que honrou a dedicação da nossa homenageada, Dona Dijé, pela conservação do Cerrado com respeito a sociobiodiversidade. Mulheres empenhadas na luta pelo território e suas identidades”.

Protagonismo feminino na conservação ambiental

As mulheres são protagonistas no manejo, gestão e sustento dos recursos naturais nas comunidades onde vivem, pois entendem a manutenção das florestas e da biodiversidade como parte integrante de seus modos de vida. Por isso, são fundamentais nas ações de conservação ambiental, mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Jéssica Barbosa, assessora do Programa de Direito das Mulheres da ActionAid Brasil, observa que elas são as



Lucely Pio, raizeira da Comunidade Quilombola do Cedro, Mineiros (GO). Foto: Luana Campos

principais afetadas pelos efeitos das mudanças climáticas. Segundo ela, “ao falarmos do Cerrado brasileiro, por exemplo, o papel das mulheres na adaptação das famílias aos longos períodos de estiagem, que tem se tornado cada vez mais frequentes, é fundamental devido sua responsabilidade histórica de gestão da água das famílias”.

Elizabete Cardoso, do Centro de Tecnologia Alternativa da Zona da Mata de Minas Gerais (CTA), e coordenadora do GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), explica que, isso se dá porque socialmente as funções do cuidado com a família, da segurança alimentar e da saúde foram delegadas à mulher. Dessa forma elas acabaram muito mais ligadas a alimentação, e portanto, ao cuidado com o ambiente.

Extrativismo sustentável e resistência

No Cerrado, o extrativismo sustentável de frutos nativos, promove a geração de renda e independência financeira de milhares de mulheres. Maria Alaides de Souza, coordenadora geral do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), aponta que só no norte do Cerrado 300 mil mulheres ganham a vida como quebradeiras de coco.

Na alta bacia do Rio Miranda, cerca de 80 famílias vivem do extrativismo sustentável da castanha do baru, sendo as mulheres maioria na fase de coleta e quebra do fruto. Na região, funciona o Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado (Ceppec), uma associação criada por iniciativa das mulheres do Assentamento Andalucia, em Nioaque (MS). A geração de renda promovida pelo baru veem resultando na recuperação de áreas degradadas, reaparecimento de fauna silvestre, proteção de polinizadores e a produção de água no Andalucia.

Rosana Sampaio, é extrativista, diretora do Ceppec e membro da coordenação da CerraPan. Durante a Tenda D. Dijé, ela expôs o papel das mulheres e do extrativismo, “o papel da mulher do Cerrado nesse movimento, é ser escudo, linha de frente. O extrativismo não é uma arma em defesa do Cerrado, e sim um escudo para a luta, pois defende e dá força para resistir aos impactos”.

Na comunidade tradicional Antônio Maria Coelho, Edeltrudes de Oliveira, representante da Rede de Comunidades Tradicionais Pantaneiras, vive e trabalha



Mulheres veem no extrativismo um escudo em defesa do Cerrado e Pantanal. Foto: Luana Campos

com o extrativismo da bocaiuva (ou macaúba). Por lá os moradores sofrem constantemente com a pressão das empresas de mineração e siderurgia, que há 15 anos tentam retirá-los do local.

“Nós lutamos pela nossa vida, porque o nosso território é a nossa vida. Não sabemos viver fora dali. Por pressão das empresas muita gente da comunidade se mudou para a cidade e reclama até hoje que não consegue viver bem”, desabafa Edeltrudes.

Articulação de Mulheres em prol do Cerrado e Pantanal

No dia anterior, ao participarem da audiência pública no Congresso Nacional em homenagem ao Dia Nacional em Defesa do Cerrado, as mulheres do Cerrado e Pantanal encontraram a deputada Talíria Petrone, presidenta da Frente Parlamentar Feminista Antirracista da Câmara dos Deputados. Nessa conversa, elas tiveram a oportunidade de expor suas diversidades e a importância de um diálogo fortalecido do movimento de mulheres para apoio às suas resistências.

Durante os debates na Tenda Dona Dijé, Maria do Socorro Teixeira Lima, quebradeira de coco e atual coordenadora da Rede Cerrado, apontou a necessidade de unir as demandas trazidas pelas mulheres diante do que considera “o cenário mais adverso que já teve”.

Durante a oficina, Joluzia Batista, do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), acompanhou os debates como representante da Frente Parlamentar Feminista Antirracista, reforçando a importância de terem uma representatividade dentro do poder legislativo, e o compromisso de pensar ações pautadas no que buscam as mulheres do Cerrado.



A mão que bate o pilão não pode ser considerada como menos que a mão que assina a caneta no Congresso. É importante todas e todos saberem que somos muitas, e que podemos estar em diferentes espaços.

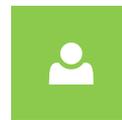
Noemi Porro, antropóloga, engenheira agrônoma, pesquisadora da Universidade Federal do Pará e diretora adjunta do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, durante a Oficina Mulheres do Cerrado na Tenda D. Dijé, IX Encontro dos Povos do Cerrado, setembro de 2019



Encaminhamentos relacionados a questões como a divisão do trabalho doméstico, a presença de espaços para crianças com profissionais nos encontros da Rede, incentivos e valorização da produção das mulheres, a geração de renda e a paridade nos espaços de decisão, entre outros pontos, foram levados à Rede Cerrado. Esses pontos foram relatados no documento final do encontro, e, agora, fazem parte da agenda prioritária da Rede Cerrado. A ação faz parte da agenda de rearticulação para

o debate sobre gênero, meio ambiente e conservação no Brasil, iniciado no I Encontro de Mulheres do Cerrado, sucedido pelo II Encontro de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal (CerraPan).

Ao final do Encontro, também foi encaminhada uma maior aproximação entre Mulheres do Cerrado Brasileiro e o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia⁴. Nessa conversa, foi acordada uma intensa participação das mulheres do Cerrado no processo de construção e mobilização do I Encontro das Mulheres Negras, Indígenas e Quilombolas que acontecerá no ano de 2021 em São Luís do Maranhão e pretende mobilizar cerca de 1000 mulheres de todo o Brasil.



SOBRE A AUTORA

LUANA CAMPOS

Jornalista, possui mestrado em Divulgação Científica e Cultural, e atua no Núcleo de Comunicação da ONG Ecoa.

⁴ A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) é um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajadas em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural. Mais em: <https://agroecologia.org.br/>



MULHERES
UNIDAS PELA
CONSERVAÇÃO
DO TERRITÓRIO

A ESTRATÉGIA DE AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES

Por Elisabeth Cardoso

Partindo do princípio de que já foi comprovado que há uma desigualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade, e as mulheres ficam com a maior parte do trabalho e a menor parte do dinheiro gerado, faremos uma breve reflexão para a situação das mulheres rurais do Cerrado.

Como nos diversos biomas do Brasil, as mulheres da agricultura familiar, dos povos e comunidades tradicionais, as extrativistas e artesãs têm muita dificuldade no reconhecimento do seu trabalho e da renda gerada por este, que se confunde com o trabalho doméstico e de cuidados - não remunerado - que por sua vez fica a cargo somente das mulheres. Do não reconhecimento do trabalho das mulheres, e da renda por elas gerada, à negação de direitos no acesso às políticas públicas de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural), financiamento, crédito e aos cargos de liderança dos movimentos sociais, é uma consequência.

Na tenda Dona Dijé, durante o IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, onde se reuniram cerca de 70 mulheres, diversos

depoimentos confirmaram esse lugar de não-reconhecimento e pouco poder das mulheres extrativistas, da agricultura familiar camponesa e de povos e comunidades tradicionais, e das dificuldades que enfrentam em seus territórios por este motivo.

Como enfrentar a pobreza, a violência e a exclusão geradas pelo machismo nas famílias, comunidades, organizações e pelo patriarcado que sustenta nosso modelo social e econômico?



Elisabeth Cardoso durante o IX Encontro dos Povos do Cerrado, em setembro de 2019. Foto: Luana Campos

As experiências apontam para a auto-organização das mulheres nas redes e movimentos mistos para aumentar a representatividade das mulheres, dar visibilidade ao seu trabalho, articular as pautas das mulheres, desenvolver estratégias de combate à violência contra a mulher e de formação das mulheres, e desenvolver ações em rede.

As mulheres do movimento sindical organizam a Marcha das Margaridas, pauta de reivindicação das mulheres do campo, das florestas e das águas, que agora se transformou numa plataforma política para o Brasil;

As mulheres do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia incidiram de forma articulada na Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, garantiram o atendimento de no mínimo 50% de mulheres na Política de ATER Agroecológica e organizaram uma pesquisa ação nacional de monitoramento da produção das mulheres rurais através da Caderneta Agroecológica, para dar visibilidade à produção e a contribuição econômica das mulheres nas famílias.

Criar redes de auto-organização das mulheres potencializa a ação dos grupos e movimentos de mulheres que muitas vezes estão isolados nos seus territórios. Reconhecer que as mulheres estão num lugar subordinado no campo e que, se as mulheres continuarem invisibilizadas e privadas de direitos, será insustentável para a subsistência dessas culturas.

E, por fim, reconhecer os movimentos feminista e de mulheres como aliados nessa luta pela sustentabilidade é fundamental.



Estandarte exibido durante o IX Encontro dos Povos do Cerrado. Foto: Nathália Ziolkowski

“

A pobreza tem sexo; a pobreza tem raça; estamos falando de uma sociedade que exclui uma parcela muito importante da população, que são as mulheres negras e indígenas. Mas, se não fossem as mulheres, não teríamos o movimento agroecológico que temos hoje. Por isso, o nosso lema hoje é “Sem feminismo, não há agroecologia”.

Elisabeth Cardoso, Grupo de Trabalho Mulheres – Articulação Nacional de Agroecologia, durante a Oficina Mulheres do Cerrado na Tenda D. Dijé, IX Encontro dos Povos do Cerrado, setembro de 2019.

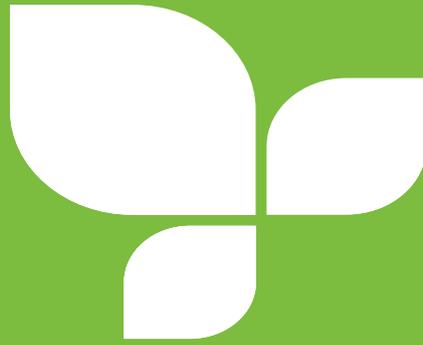
”



SOBRE A AUTORA

ELISABETH CARDOSO

Agrônoma, com mestrado em agroecologia pela Universidade Internacional de Andaluzia. Trabalha no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) e uma das idealizadoras do projeto Caderneta Agroecológica - sistematização da produção das mulheres rurais. Também é uma das Coordenadoras do Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).



TECENDO A REDE DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO CERRADO E PANTANAL

*Informe Nacional da articulação entre mulheres dialogando
sobre gênero, conservação ambiental e modos de vida.*

EXECUÇÃO



APOIO



FINANCIADOR



CO-FINANCIADOR



Este projeto é co-financiado pela
União Europeia



PARCEIRO



EDITORA



www.ecoa.org.br

ISBN: 978-65-87337-03-6

